

## **AS PLANTAS MEDICINAIS REFERENCIADAS PELO CIRURGIÃO E NATURALISTA PERNAMBUCANO JOAQUIM JERÔNIMO SERPA (1773-1842): UMA PONTE ENTRE O PASSADO E A ATUALIDADE**

ARGUS VASCONCELOS DE ALMEIDA<sup>1</sup>, PATRÍCIA DANTAS CAVALCANTI LUNA<sup>2</sup>, THAÍS HONORATO SANTANA<sup>2</sup> & VILMA RIBEIRO DE LIMA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Departamento de Biologia da UFRPE, Avenida D. Manoel de Medeiros, s/n, 52171-900, Dois Irmãos, Recife, Pernambuco, Brasil (argus@db.ufrpe.br)

<sup>2</sup>Estudantes do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UFRPE

**(As plantas medicinais referenciadas pelo cirurgião e naturalista pernambucano Joaquim Jerônimo Serpa (1773-1842): uma ponte entre o passado e a atualidade)** – Este trabalho tem como foco principal resgatar o conhecimento das plantas medicinais referenciadas pelo cirurgião e naturalista pernambucano Joaquim Jerônimo Serpa (1773-1842) correlacionando as plantas referenciadas por ele com o seu uso terapêutico atual. Para tornar possível esta comparação de dados foram realizadas através de revisão bibliográfica e construção de uma base de dados onde foram identificados possíveis nomes científicos de tais plantas, denominações de Serpa e as suas designações atuais, com respectivas partes e usos. Das 49 espécies de plantas medicinais referenciadas por Serpa, 43 são reconhecidas na atualidade e apenas 6 não possuem aplicações terapêuticas atuais. Concluímos pela alta persistência e reprodução ao longo do tempo do uso terapêutico das plantas medicinais referenciadas por Serpa: mais de 85% são ainda usadas na medicina popular da região ou seus princípios ativos estão sendo pesquisados

**Palavras-chave:** História das plantas medicinais, fitoterapia, Joaquim Jerônimo Serpa.

**(The medicinal plants referred by the surgeon and naturalist Joaquin Jerônimo Serpa (1773-1842) (born in Pernambuco State, Brazil): a bridge between the past and the present time)** – This work has a main focus to acquire knowledge of medicinal plants referenced by the surgeon and naturalist Joaquin Jerônimo Serpa (1773-1842) correlating the plants referenced by him with his current therapeutic use. To enable comparison of this data, a literature review and a construction of a database was made and identified where possible scientific names of such plants, designations of Serpa and their current names, with their parts and uses. Of the 49 species of medicinal plants referenced by Serpa, 43 are recognized at present time and only 6 have no current therapeutic applications. We completed by the high persistence and reproduction over time of the therapeutic use of medicinal plants referenced by Serpa: more than 85% are still used in popular medicine in the region or its principle assets are being searched.

**Key words:** History of the medicinal plants, phytotherapy, Joaquim Jerônimo Serpa.

### INTRODUÇÃO

Joaquim Jerônimo Serpa nasceu no Recife em 13 de setembro de 1773, tal como o seu pai era cirurgião, tendo estudado na Escola de Cirurgia do Hospital Real de São José em Lisboa, regressando a Pernambuco em 1808, quando assumiu as funções de cirurgião-mor do Regimento de Artilharia de Olinda.

Como muitos intelectuais da sua geração, foi influenciado pelas idéias do Iluminismo e da Revolução Francesa, e aderiu à Revolução Pernambucana de 1817, tendo sido denunciado e preso pelo Tribunal da Alçada em 6 de abril de 1818, ficando encarcerado por quatro anos na Bahia, junto com o seu filho Manoel José de Serpa, cadete de infantaria (MARTINS, 1853). Libertado em 1821, voltou a Pernambuco, onde, em 1835, tornou-se professor de Botânica e Agricultura, e depois, o penúltimo diretor do Jardim Botânico de Olinda.

As plantas medicinais referenciadas por Serpa são, em grande parte, nativas e o seu uso terapêutico teve origem no seu conhecimento botânico e atuação como médico em Pernambuco no século XIX.

Este trabalho tem como objetivo resgatar o conhecimento sobre estas plantas medicinais, correlacionando-as com o seu uso terapêutico atual.

### Serpa e o ensino da Botânica em Pernambuco

O ensino de Botânica em Pernambuco teve início no Seminário de Olinda em 1800, constituindo parte da matéria “Filosofia Natural”. Seu primeiro professor foi o frade franciscano e naturalista Frei José da Costa Azevedo, que a partir da vinda da Corte para o Rio foi nomeado o primeiro diretor do Museu Real (depois Museu Nacional) no período de 1818-1822, lente de História Natural da Academia Real Militar, com ênfase em pesquisas de Mineralogia, Botânica e Zoologia. O ensino de Botânica no Seminário teve continuidade pelo seu substituto o Pe. João Ribeiro Pessoa de Melo Montenegro, discípulo do naturalista Manoel Arruda da Câmara (OLIVEIRA, 2005).

A cadeira de Botânica e Agricultura, na qual Serpa foi provido por concurso em 17 de setembro de 1834 (SCHMALTZ, 1966) se constituiu cronologicamente no segundo curso de Botânica em Pernambuco, precursor do Curso Superior de Agricultura do Mosteiro de São Bento de Olinda, fundado em 1912, que mais tarde deu origem à Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). As aulas de Botânica e Agricultura do Prof<sup>o</sup> Serpa eram ministradas na própria residência do professor no Jardim Botânico de Olinda a várias gerações de estudantes do Curso Jurídico do Mosteiro de São Bento. Só no ano de 1830, foram matriculados 62 alunos e em 1835, 52 alunos, o

que testemunha a amplitude da formação dos Cursos Jurídicos na época.

Por decreto em 3 de outubro de 1829 foi criada a cadeira de Botânica e Agricultura no então denominado Jardim das Plantas Exóticas de Olinda, sendo o seu primeiro professor o Dr. João Cândido de Brito que a regeu até 1833. A partir de 1835 assume o Dr. Joaquim Jerônimo Serpa até sua morte em 1842. A cadeira de Botânica e Agricultura no Jardim Botânico de Olinda foi extinta em 1843 (PEREIRA DA COSTA, 1966).

A Disciplina de Botânica só viria a ser ensinada novamente em Pernambuco a partir de 1855 com a criação da área de Ciências Naturais no então Liceu Provincial (mais tarde, Ginásio Pernambucano) no Recife, assumindo a cadeira de História Natural o naturalista francês Louis Jacques Brunet (1811 – c. 1877).

Segundo Pereira da Costa (1966) em 1873 foi publicada no Rio de Janeiro uma obra tratando das plantas de Pernambuco, editada pelo farmacêutico pernambucano Joaquim de Almeida Pinto, o “Dicionário de Botânica Brasileira”, tendo por base a obra inédita do naturalista Manuel Arruda da Câmara, intitulada: a “Centúria dos Gêneros e Espécies Novas de Plantas de Pernambuco”.

De acordo com MELLO (1982) Joaquim de Almeida Pinto faleceu no Recife em 6 de junho de 1871, aos 48 anos de idade, era farmacêutico formado em Paris, e desde 1868 pretendia publicar o seu “Dicionário” e para isso pediu uma subvenção à Assembléia Provincial de Pernambuco. A sua obra, entretanto foi publicada após a sua morte em 1873, pelo seu irmão Zeferino de Almeida Pinto no Rio de Janeiro. O “Dicionário” de Almeida Pinto não poderia ter sido baseado na obra inédita de Arruda da Câmara, pois a maioria das plantas referidas na sua obra já era conhecida em outros trabalhos do naturalista.

Escreve o historiador José Antônio Gonsalves de Mello que é provável que Serpa tenha sido um dos herdeiros do espólio científico de Arruda da Câmara (MELLO, 1982). Conforme relata o historiador Raposo de Almeida do Instituto Histórico de Goiana (1872) que afirma após a morte de Arruda da Câmara em Goiana em 1811, tendo as suas obras dispersadas, uma parte veio parar nas mãos de Serpa que dela teria se aproveitado para organizar o seu trabalho sobre as plantas medicinais de Pernambuco e a sua obra inédita intitulada “Compêndio de Agricultura” (MELLO, 1982).

Afirma PEREIRA DA COSTA (1981, originalmente publicada em 1882) que Serpa não era só um hábil cirurgião e botânico como também um notável desenhista anatômico: em 1834 enviou a Academia de Medicina do Rio de Janeiro dois volumes de desenhos de anatomia humana, que embora aprovados pela Academia, nunca foram publicados. Segundo este mesmo autor Serpa viveu sempre pobre “e retirado a sua habitação na velha e pitoresca Olinda, sem ambicionar honras e representações”.

Serpa tornou-se amigo íntimo do célebre Padre Carapeuceiro (Frei Miguel do Sacramento Lopes Gama) que conviveu com ele em Olinda, sobre o qual escreveu: “Ah, quantas vezes fui socorrido em minhas enfermidades, em

meus padecimentos pelo meu bom amigo Serpa. A sua presença bastava para me dar algum lenitivo” (SCHMALZ, 1966). Além disto, Serpa foi cirurgião “do partido do Mosteiro de São Bento”, chegando inclusive a chefiar o Hospital do Mosteiro, ocasião em que deixou o manuscrito do seu Formulário entre os anos de 1823 a 1829 (SCHMALZ, 1966).

Sobre o Hospital do Mosteiro de São Bento de Olinda, a “Crônica” de FREI MIGUEL ARCANJO DA ANUNCIACÃO (1940, publicada originalmente em 1763) informa que desde 1692 existem referências a uma “enfermaria de mulheres” no Mosteiro, que naturalmente deveria tratar-se de mulheres negras escravas, pois o espaço físico aproveitado foi o de uma senzala; também se refere à organização de uma botica em 1734 “para evitar parte dos grandes gastos que fazia o Mosteiro em medicamentos” e, finalmente, refere-se às obras de uma “enfermaria de escravos” em 1760 por iniciativa do Abade Frei Custódio da Conceição que “deitou abaixo as cazas q’ ficavão fora da Portaria, e as levantou de novo, e separou quartos para a enfermaria de escravos e fez-lhe uma suficiente cozinha”.

SCHMALZ (1966) relata que pela tradição oral o prédio das oblatas, em sucessivas reformas teria servido de local para a “enfermaria dos escravos” que deu origem ao Hospital de São Bento, prédio no qual depois funcionou os Cursos Superiores de Agricultura e Veterinária do Mosteiro de São Bento a partir de 1912, onde atualmente funciona a biblioteca do Mosteiro. Segundo o autor, a adaptação do prédio para o Hospital alterou a antiga construção existente de dimensões mais reduzidas, aproveitando-se a parte da antiga fachada e das grossas paredes da casa. A porta do hospital, entretanto não dava para a rua e a fachada não possuía nenhuma janela, apenas óculos ovais, para indicar perante as autoridades eclesiásticas e municipais a jurisdição do Mosteiro a qual pertencia ao Hospital. O qual era destinado principalmente aos escravos do Mosteiro e de suas propriedades territoriais e engenhos, mas também servia aos monges e aos pobres de Olinda.

De acordo com SCHMALZ (1966) durante algum tempo, Serpa foi diretor do Asilo de Alienados do Hospital da Misericórdia de Olinda, quando um de seus subordinados, tesoureiro do hospital deu um vultoso desfalque à instituição. Serpa julgando-se co-responsável pelo acontecido, vendeu a única casa que possuía para tentar ressarcir o prejuízo da instituição. Segundo um descendente de Serpa, entrevistado por Schmalz (1966), o cirurgião deixou cinco filhos: Cândido José, Vicente, Cândida, Maria Emídia e Joaquim Jerônimo Serpa Júnior. Entre os quais não figura Manoel José mencionado por MARTINS (1853) como cadete e preso junto com o pai na Bahia. Sua filha Cândida, conhecida como “Dona Candinha” era uma conhecida parteira da comunidade, que ajudou a nascer diversas gerações de olindenses. Serpa pertencia a diversas irmandades religiosas e também exerceu o cargo de Vereador da Câmara Municipal de Olinda.

Quando diretor do Horto Botânico de Olinda recebeu a visita do botânico escocês Gardner em 1837, que escreveu o seguinte comentário sobre a visita:

A residência do professor fica quase ao centro.

Encontramos o Dr. Serpa em seu gabinete, bastante amplo, e que ele usa para sala de preleções. Parecia homem de sessenta anos e impressionou-me por sua inteligência e atenciosas maneiras. Além de suas outras ocupações tinha a principal clientela de Olinda. Sua biblioteca se compunha principalmente de obras em francês sobre botânica, história natural, agricultura e medicina (GARDNER, 1942).

Foi aí que o botânico escocês pela primeira vez conheceu a monumental obra “Flora Fluminense” do botânico franciscano Frei José Mariano da Conceição Veloso (1742-1811).

Escreve SCHMALZ (1966) que Serpa publicou algumas obras, entre as quais uma extraída da obra de Gardien: “Tratado da educação phsyco-moral dos meninos” publicada em 1828, considerado o primeiro livro editado no Brasil sobre Educação Física, e uma tradução da obra de Richard “Compêndio de botânica para uso dos alunos que se quiserem dedicar ao estudo desta ciência” publicada em 1836, “Vegetais que servem para uso caseiro dos habitantes desta província de Pernambuco” (1977a publicada originalmente em 1842); “Topographia desta cidade do Recife” (1977b publicada originalmente em 1842); “Da criação de bichas e sanguessugas medicinais” publicada em 1834, “Utilidade dos jardins botânicos” publicada em 1837, deixando inédito um “Compêndio de agricultura apropriada ao clima desta província”, além do seu manuscrito do “receituário” do Hospital de São Bento de Olinda (SERPA, 1966), divulgado pela primeira vez por Schmalz (1966).

Morreu em sua casa no Jardim Botânico de Olinda, rodeado pelos filhos, amigos e pelas plantas do seu jardim. Acometido de uma “ascitis sintomática de alteração orgânica do fígado” a 17 de julho de 1842. Seus irmãos das irmandades religiosas vieram solenes até sua casa para buscar o seu cadáver, a ser sepultado na Igreja de Nossa Senhora de

Guadalupe, em lugar não assinalado, na igreja dos pobres de Olinda a quem sempre socorreu com dedicada e constante abnegação.

## METODOLOGIA

Por meio de uma revisão bibliográfica dos trabalhos de SERPA (1966, 1977A, 1977B) e dos seus principais comentadores (MARTINS, 1853; GARDNER, 1942; PEREIRA DA COSTA, 1966, 1982; SCHMALZ, 1966), fez-se uma seleção das plantas medicinais referenciadas pelo naturalista comparando-as com os seus usos atuais.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As plantas da Tabela 1, consideradas por Serpa como medicinais, segundo CRAVO (1995), MOREIRA (1996), LORENZI E MATOS (2002), ALBUQUERQUE E HANAZAKI (2006) possuem uso e finalidades semelhantes das atuais, tais como: Angelim, Erva lombrigueira, Beldroega, Barbatimão, Cabuatan, Angico, Cana fistula e Algodoeiro.

Das plantas da Tabela 2, não foram registradas aplicações ou pesquisas terapêuticas na atualidade sugerindo uma possível dificuldade de sua localização e coleta na região, conseqüência da perda de referência dos seus nomes vulgares e da destruição dos ambientes naturais ao longo do tempo.

Assim, das 49 espécies de plantas medicinais utilizadas por Serpa, 85,71% prevalecem os usos terapêuticos ou pesquisas nos dias atuais (43 espécies) e 14,29% não são mais utilizadas na atualidade (seis espécies).

Dos vegetais mucilaginosos e emolientes designados por Serpa, 12,24% foram encontrados na

Tabela 1. Plantas medicinais referenciadas por Serpa: uma ponte entre o passado e a atualidade.

Prováveis denominações científicas	Denominações de Serpa	Usos e partes usadas por Serpa	Nomes vulgares atuais	Usos, pesquisas e partes utilizadas atualmente
<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl) March	Almecega	Parte utilizada não informada, usada como resina aromática.	Almecega, almecegueira, almecegueiro	Tronco, casca e folha. É um tipo de incenso usado na indústria de perfumaria, farmacêutica e de defumadores místicos. A literatura etno-farmacológica registra o emprego de sua casca e folhas como hemostáticas, cicatrizantes e antiinflamatórias, no tratamento de úlceras e inflamações gerais. (LORENZI E MATOS, 2002).
<i>Ouratea</i> sp.	Patiputa	Óleo das sementes no tratamento de feridas		Algumas espécies de <i>Ouratea</i> são usadas na medicina tradicional no tratamento de reumatismo e distúrbios gástricos. Extratos de algumas espécies do gênero possuem propriedades biológicas, como <i>O. parviflora</i> que tem atividade antimicrobiana, <i>O. lucens</i> possui atividade antivirótica e <i>O. reticulata</i> tem a propriedade de reduzir a dor (LIMA et al., 2005)

<i>Luffa operculata</i> (L.) Cogn.	Balsamo de cabacinho	Parte utilizada não informada, usada como resina aromática.	Abobrinha-do-norte, bucha, cabacinha, buchinha do norte	Frutos maduros e secos, especialmente a bucha fibrosa interna. No Nordeste é empregada para o tratamento da sinusite e para uso ilegal como abortiva. (LORENZI E MATOS, 2002).
<i>Cocus nucifera</i> L.	Coqueiro vermelho	Raiz aperiente	Côco	Leite de côco maduro com ação anti-helmíntica. (AMORIM E BORBA, 1995).
<i>Echites cururu</i> Mart	Cypó canuru	Contra opilação e frialdade. Aperiente	Cururu	Chá da casca contra inflamação dentária (NOGUEIRA, 2005)
<i>Pothomorphe umbellata</i> (L.) Miq.	Raiz de capeba	Raiz, usada como aperiente (estimula o apetite).	Pariparoba, caapeba, caapeba-do-norte, capeba	Folhas, hastes e raízes. O decocto das raízes é indicado para doenças do fígado e da vesícula. (LORENZI E MATOS, 2002).
<i>Erythrina velutina</i> Willd	Raiz de mulunger	Raiz, usada como aperiente.	Mulungu	Casca e frutos. Usados como calmante, emoliente e peitoral. (LORENZI E MATOS, 2002).  Sinusite, nervos e tranqüilizantes (ALBUQUERQUE E HANAZAKI, 2006).
<i>Bidens pilosa</i> L.	Carapicho de agulha	Parte utilizada não informada, usada como aperiente.	Carrapicho, carrapicho-de-agulha, cuambu.	Todas as partes. Usada contra angina, diabetes, disenterias, aftosa, hepatite, problemas no fígado, verminoses. (LORENZI E MATOS, 2002)
<i>Croton sp</i>	Velame	Parte utilizada não informada. Usada como purgante drástico.	Velame branco	Raiz, usada contra o reumatismo. (ALBUQUERQUE E HANAZAKI, 2006).
<i>Xylopia frutescens</i> Aubl	Pão de carne	Entrecasca purgante contra doenças venéreas; purgante drástico.	Embira; embira vermelha	Uso do chá de frutos ou sementes como digestivo (AGRA et al., 2007).
<i>Curcuma longa</i> L.	Gengibre de dourar ou gengibre amarelo	Parte utilizada não informada. Usada como purgante vegetal.	Açafrão, açafrão c índia, gengibre-amarelo, gengibre dourado.	Rizomas. Usada como anti-hepatotóxica, anti-hiperlipidêmica e antiinflamatória. (LORENZI E MATOS, 2002).
<i>Petiveria aliacea</i> L.	Tipi vegetal	Parte utilizada não informada. Usada como “anticutâneo” (?).	Guiné, erva-de-tipi, tipi, atipim.	Folha e raiz. Considerado como antiespasmódica, diurética, sudorífica e emenagoga, também é recomendado contra contusões, traumatismo, dores lombares, reumáticas e de cabeça. (LORENZI E MATOS, 2002).
<i>Andira inermis</i> (W. Wright) Kunth ex DC	Angelim	Fruto, usada como vermífugo.	Angelim, pau-de-morcego, angelim-branco, angelim-liso.	
<i>Tanacetum vulgare</i> L.	Herva lumbrigueira	Parte utilizada não informada, uso como vermífugo.	Erva-contra-vermes, erva dos vermes e erva-lumbrigueira .	Capítulos florais. São atribuídas propriedades aromatizantes, estimulantes, anti-helmínticos, emenagoga (que provoca menstruação nas doses fortes é abortiva). (LORENZI E MATOS, 2002).
<i>Portulaca oleracea</i> L.	Beldroega vermelha	Parte utilizada não informada. Mucilaginoso e emoliente.	Beldroega, salada-de-negro, beldroega-vermelha.	Todas as partes da planta. Sudorífica, emoliente, antiinflamatória, diurética, vermífuga, antipirética e antibacteriana, sendo empregada contra disenteria, enterite aguda, mastite e hemorragias. (LORENZI E MATOS, 2002).

<i>Xylopiá aromática</i> (Lam) Mart.	Casca de embira vermelha	Casca, mucilaginoso e emoliente.	Embira, Envira Imbira vermelha	Casca do caule e semente. Usada como excitante, carminativa e afrodisíaca. (LORENZI E MATOS, 2002).
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Gomma de cajueiro	Goma do cajueiro. Mucilaginoso e emoliente. Usada para doenças crônicas do peito.	Caju, cajueiro.	Goma. Antidiabético, adstringente, anti-diarrêica, depurativa, tônica e antiasmática. (LORENZI E MATOS, 2002).
<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam	Casca de mutamba	Entrecasco. Usada como desobstruente e pode-se tirar também uma espécie de goma alcatira. Mucilaginoso e emoliente.	Mutambo, mutamba, mutamba-verdadeira	Flor. Cabelo (ALBUQUERQUE E HANAZAKI, 2006).
<i>Stylosanthes guianensis</i> (Aubl.) Sw	Saca-estreppe	Mucilagem no tratamento de feridas. Mucilaginoso e emoliente.	Saca-estreppe	Suas folhas pisadas e colocadas diretamente sobre feridas provocadas por estrepes, ajudam na saída dos mesmos. A raiz, preparada por cozimento, é usada contra a tosse. (informação verbal de raizeiro do Recife).
<i>Cyathia microdonta</i> (Desv.) Domin.	Páo – Cardoso	Informa que seu âmago é mucilaginoso e doce.	Pau-cardoso.	Chá da casca do caule eficaz contra asma, catarro pulmonar, bronquite e coqueluche (informação verbal de raizeiro do Recife)
<i>Capsicum frutescens</i> L.	Pimenta malagueta	Parte utilizada não informada. Epispástico (ação vesicante na pele).	Pimenta malagueta, pimenta	Fruto. Usada como condimento na preparação de molho picante e também pode ser usada por via externa, como medicamento rubefaciente muito ativo. (LORENZI E MATOS, 2002).
<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Ananás verde	Parte utilizada não informada, usada como epispástico.	Abacaxi, ananás.	Fruto. Estomáquico, carminativa, diurético e antiinflamatório. (LORENZI E MATOS, 2002).
<i>Nicotiana tabacum</i> L.	Tabaco	Parte utilizada não informada. Epispástico.	Tabaco, fumo, pé-de-fumo.	Folhas. É empregado na medicina popular pelas suas propriedades: narcótica, sedativa, diaforética, emética e vermífuga. Na indústria as folhas são destinadas a preparação de tabaco para fumantes e na agricultura serve como inseticida agrícola biodegradável. (LORENZI E MATOS, 2002).
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Gengibre branco	Parte utilizada não informada. Usada como epispástico.	Gengibre, gengivre, gengibre.	Rizoma. Estimulante, digestiva, usada nos casos de dispepsia e nas cólicas flatulentas. (LORENZI E MATOS, 2002)
<i>Plumbago scandens</i> L.	Folha de louco ou herva dos cancos	Parte utilizada não informada. Epispástico.	Caataia, louco, folha-de-louro.	Raízes. Ornamental, tem propriedades anestésicas locais e purgativas, empregadas para suavizar dores de dentes e de ouvido e para reduzir inflamação das juntas. (LORENZI E MATOS, 2002).
<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Leite de pinhão	Leite. Epispástico.	Pinhão-roxo, pião-roxo, peão-roxo.	Sementes, folhas e raízes. Purgativo drástico, medicação cicatrizante, emostática, anti-reumática, anti-hipertensiva e diurética. (LORENZI E MATOS, 2002).
<i>Anarcadium occidentale</i> L.	Castanha de cajú.	Castanha. Epispástico.	Caju, cajueiro.	Amêndoa da castanha. Usada para baixar colesterol e baixa os triglicérides no sangue. (LORENZI E MATOS 2002).

<i>Carpotroche brasiliensis</i> (Raddi) Gray	Casca de Sapucaia	Casca. Adstringente.	Sapucainha, óleo-de-sapucainha, fruta-de-bêbado.	Sementes. Várias dermatoses (eczema, erisipela, sama, impinge, prurido e caspa). (LORENZI E MATOS, 2002).
<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan.	Casca de angico	Casca. Adstringente.	Angico, angico-branco, angico-de-casca.	Casca. Adstringente, depurativa, contra tosse, bronquite e coqueluche. (LORENZI E MATOS, 2002).
<i>Cassia fistula</i> L.	Casca de cana fistula	Casca. Adstringente.	Cássia-imperial, cana-fistula, chuva-de-ouro.	Folha, flor, fruto e raiz. Usada como laxante, problemas de pele, purgativa, adstringente e tônica. (LORENZI E MATOS, 2002).
<i>Musa paradisiaca</i> L.	Mangará de bananeira	Parte utilizada não informada. Adstringente	Bananeira.	Fruto. Diarréia, erisipela, bronquites, tuberculose. (MOREIRA, 1996).
<i>Terminalia brasiliensis</i> Camb	Páo catinga de porco	Parte utilizada não informada. Usado como adstringente	Pau catinga de porco; capitão do campo.	A casca do caule é usada na medicina popular no tratamento de “barriga inchada e disenteria”. Atividades farmacológicas: antidepressiva, antimicrobiana, anti-ulcerogênica, analgésica e hipolipeminante (ARAÚJO, 2005).
<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart. et Tul.)*	Páo ferro ou Jucá	Sementes adstringentes	Jucá	A infusão da casca do caule é usada como anti-tussígeno e cicatrizante (BRAGA, 1976)
<i>Couepia rufa</i> Ducke	Oyti-coró	Adstringente, uso das sementes contra disenteria	Oiti-coró	Uso das sementes secas raladas contra disenteria (informação verbal de mateiro)
<i>Caryocar coriaceum</i> Wittm	Pequi	Casca do fruto como adstringente	Piqui	Rico em vitamina A e E, com propriedades antiabortivas e afrodisíacas; o óleo da amêndoa é usado nos cortes, contusões, pisaduras, inchaços e inflamações dos animais (FIGUEIREDO E MAIA, 1989).
<i>Dorstenia asaroides</i> Gardn.	Dorstenia pernambucana – tiú.	Parte utilizada não informada. Sudorífico.	Tiú, chupa-chupa, caiapiá-açu.	Folhas, raízes, rizomas e infrutescências. Analgésica, antiinflamatória, diaforética, digestiva, diurética, emenagoga, febrífuga, purgativa, Tônica, estimulante e estomática. (LORENZI E MATOS, 2002).
<i>Gossypium hirsutum</i> L.	Algodoeiro	Caroços (sementes). Usada para provocar a evacuação mensal.	Algodoeiro, algodão, algodão-anual	Folhas, casca da raiz, sementes. Disenteria, hemorragia uterina, amenorréia, distúrbios da menopausa. (LORENZI E MATOS, 2002).
<i>Mimosa pudica</i> L.	Calumbi ou sensitiva.	Folha e raiz. Utilizada como veneno e contra-veneno.	Dormideira, mimosa, sensitiva, malícia-de-mulher.	Raízes, folhas. Purgativas, eméticas, usada contra difteria, desobstruente do fígado, amarga, tônica e purgativa. (LORENZI E MATOS, 2002).
<i>Acacia farnesiana</i> (L.) Wild.	Coronhacris	Fruto adstringente	Folha santa; coronha.	Folhas e frutos usados na forma de chás contra febres, gripe, diarréia, dores de cabeça, rouquidão, garganta inflamada (FRANCO E BARROS, 2006)

<i>Xylopia aromatica</i> (Lam) Mart.	Casca de embira vermelha	Casca, mucilaginoso e emoliente.	Embira, Envira Imbira vermelha	Casca do caule e semente. Usada como excitante, carminativa e afrodisíaca. (LORENZI E MATOS, 2002).
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Gomma de cajueiro	Goma do cajueiro. Mucilaginoso e emoliente. Usada para doenças crônicas do peito.	Caju, cajueiro.	Goma. Antidiabético, adstringente, anti-diarrêica, depurativa, tônica e antiasmática. (LORENZI E MATOS, 2002).
<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam	Casca de mutamba	Entrecasco. Usada como desobstruente e pode-se tirar também uma espécie de <u>goma alcatira</u> . Mucilaginoso e emoliente.	Mutambo, mutamba, mutamba-verdadeira	Flor. Cabelo (ALBUQUERQUE E HANAZAKI, 2006).
<i>Stylosanthes guianensis</i> (Aubl.) Sw	Saca-estrepes	Mucilagem no tratamento de feridas. Mucilaginoso e emoliente.	Saca-estrepes	Suas folhas pisadas e colocadas diretamente sobre feridas provocadas por estrepes, ajudam na saída dos mesmos. A raiz, preparada por cozimento, é usada contra a tosse. (informação verbal de raizeiro do Recife).
<i>Cyathia microdonta</i> (Desv.) Domin.	Páó – Cardoso	Informa que seu âmago é mucilaginoso e doce.	Pau-cardoso.	Chá da casca do caule eficaz contra asma, catarro pulmonar, bronquite e coqueluche (informação verbal de raizeiro do Recife)
<i>Capsicum frutescens</i> L.	Pimenta malagueta	Parte utilizada não informada. Epispástico (ação vesicante na pele).	Pimenta malagueta, pimenta	Fruto. Usada como condimento na preparação de molho picante e também pode ser usada por via externa, como medicamento rubefaciente muito ativo. (LORENZI E MATOS, 2002).
<i>Nicotiana tabacum</i> L.	Tabaco	Parte utilizada não informada. Epispástico.	Tabaco, fumo, pé-de-fumo.	Folhas. É empregado na medicina popular pelas suas propriedades: narcótica, sedativa, diaforética, emética e vermífuga. Na indústria as folhas são destinadas a preparação de tabaco para fumantes e na agricultura serve como inseticida agrícola biodegradável. (LORENZI E MATOS, 2002).
<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Ananás verde	Parte utilizada não informada, usada como epispástico.	Abacaxi, ananás.	Fruto. Estomáquico, carminativa, diurético e antiinflamatório. (LORENZI E MATOS, 2002).
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Gengibre branco	Parte utilizada não informada. Usada como epispástico.	Gengibre, gengivre, gengibre.	Rizoma. Estimulante, digestiva, usada nos casos de dispepsia e nas cólicas flatulentas. (LORENZI E MATOS, 2002)
<i>Plumbago scandens</i> L.	Folha de louco ou herba dos cancos	Parte utilizada não informada. Epispástico.	Caataia, louco, folha-de-louro.	Raízes. Ornamental, tem propriedades anestésicas locais e purgativas, empregadas para suavizar dores de dentes e de ouvido e para reduzir inflamação das juntas. (LORENZI E MATOS, 2002).
<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Leite de pinhão	Leite. Epispástico.	Pinhão-roxo, pião-roxo, peão-roxo.	Sementes, folhas e raízes. Purgativo drástico, medicação cicatrizante, emostática, anti-reumática, anti-hipertensiva e diurética. (LORENZI E MATOS, 2002).

<i>Jatropha geosypiifolia</i> L.	Leite de pinhão	Leite. Epispástico.	Pinhão-roxo, pião-roxo, peão-roxo.	Sementes, folhas e raízes. Purgativo drástico, medicação cicatrizante, emostática, anti-reumática, anti-hipertensiva e diurética. (LORENZI E MATOS, 2002).
<i>Anarcadium occidentale</i> L.	Castanha de caju.	Castanha. Epispástico.	Caju, cajueiro.	Amêndoa da castanha. Usada para baixar colesterol e baixa os triglicerídeos no sangue. (LORENZI E MATOS, 2002).
<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	Casca de Barbatimão	Casca. Adstringente.	Barbatimão, casca-da-mocidade, casca-da- virgindade.	Casca. Rica em tanino de grande ação estíptica é empregada na indústria de curtume. É também amplamente empregada na medicina contra conjuntivite. Usada também para hemorragias uterinas, corrimento vaginal, feridas ulcerosas e para excessividade oleosa. (LORENZI E MATOS, 2002).
<i>Guarea guidonia</i> (L.) Sleumer	Casca de cabuatan	Casca. Usada como adstringente.	Camboatã, açafua, bilreiro.	Todas as partes. A casca é amarga, atribuída propriedades adstringente, purgativa e abortiva. (LORENZI E MATOS, 2002).
<i>Citrus aurantium</i> L.	Encherto de passarinho de laranjeira da terra	Parte utilizada não informada. Adstringente.	Laranja-amarga, laranja-azedo, laranja-da-terra.	Casca, folha, botões florais e fruto. Digestiva, expectorante, diurética, hipotensora, calmante, contra febres, gripes, resfriados, contra a albuminúria. (LORENZI E MATOS, 2002).
<i>Anarcadium occidentale</i> L.	Casca de Cajueiro vermelho	Casca. Adstringente.	Caju reniforme, caju, caju manso, acaíaba.	Casca, castanha e fruto. Usada na industrialização e exportação. Usada para gargarejo, cicatrização, diurético, antifebril, antidiurético, anti-sifilítico, antiescorbútico, calmante, preparo de vermiz que dá coloração mogno. (CRAVO, 1995).
<i>Carpotroche brasiliensis</i> (Raddi) Gray	Casca de Sapucaia	Casca. Adstringente.	Sapucainha, óleo-de-sapucainha, fruta-de-bêbado.	Sementes. Várias dermatoses (eczema, erisipela, sama, impinge, prurido e caspa). (LORENZI E MATOS, 2002).
<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan.	Casca de angico	Casca. Adstringente.	Angico, angico-branco, angico-de-casca.	Casca. Adstringente, depurativa, contra tosse, bronquite e coqueluche. (LORENZI E MATOS, 2002).
<i>Cassia fistula</i> L.	Casca de cana fistula	Casca. Adstringente.	Cássia-imperial, cana-fistula, chuva-de-ouro.	Folha, flor, fruto e raiz. Usada como laxante, problemas de pele, purgativa, adstringente e tônica. (LORENZI E MATOS, 2002).
<i>Musa paradisiaca</i> L.	Mangará de bananeira	Parte utilizada não informada. Adstringente	Bananeira.	Fruto. Diarréia, erisipela, bronquites, tuberculose. (MOREIRA, 1996).
<i>Terminalia brasiliensis</i> Camb	Pão catinga de porco	Parte utilizada não informada. Usado como adstringente	Pão catinga de porco; capitão do campo.	A casca do caule é usada na medicina popular no tratamento de "barriga inchada e disenteria". Atividades farmacológicas: antidepressiva, antimicrobiana, anti-ulcerogênica, analgésica e hipolipemínica (ARAÚJO, 2005).
<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart. et Tul.)*	Pão ferro ou Jucá	Sementes adstringentes	Jucá	A infusão da casca do caule é usada como anti-tussígeno e cicatrizante (BRAGA, 1976)
<i>Couepia rufa</i> Ducke	Oyti-coró	Adstringente, uso das sementes contra disenteria	Oiti-coró	Uso das sementes secas raladas contra disenteria (informação verbal de mateiro)
<i>Caryocar coriaceum</i> Wittm	Pequi	Casca do fruto como adstringente	Piqui	Rico em vitamina A e E, com propriedades antiabortivas e afrodisíacas; o óleo da amêndoa é usado nos cortes, contusões, pisaduras, inchaços e inflamações dos animais (FIGUEIREDO e MAIA, 1989).

<i>Dorstenia asaroides</i> Gardn.	Dorstenia pernambucana – tiú.	Parte utilizada não informada. Sudorífico.	Tiú, chupa-chupa, caiapiá-açu.	Folhas, raízes, rizomas e infrutescências. Analgésica, antiinflamatória, diaforética, digestiva, diurética, emenagoga, febrífuga, purgativa, Tônica, estimulante e estomática. (LORENZI E MATOS, 2002).
<i>Gossypium hirsutum</i> L.	Algodoeiro	Caroços (sementes). Usada para provocar a evacuação mensal.	Algodoeiro, algodão, algodão-anual.	Folhas, casca da raiz, sementes. Disenteria, hemorragia uterina, amenorréia, distúrbios da menopausa. (LORENZI E MATOS, 2002).
<i>Mimosa pudica</i> L.	Calumbi ou sensitiva.	Folha e raiz. Utilizada como veneno e contra-veneno.	Dormideira, mimosa, sensitiva, malícia-de-mulher.	Raízes, folhas. Purgativas, eméticas, usada contra difteria, desobstruente do fígado, amarga, tônica e purgativa. (LORENZI E MATOS, 2002).
<i>Acacia farnesiana</i> (L.) Wild.	coronhacris	Fruto adstringente	Folha santa; coronha.	Folhas e frutos usados na forma de chás contra febres, gripe, diarreia, dores de cabeça, rouquidão, garganta inflamada (FRANCO E BARROS, 2006)

Tabela 2. Plantas medicinais referenciadas por Serpa sem aplicações terapêuticas na atualidade.

Plantas	Usos
Benjoim do Brasil	Resina aromática
Gramma da praia ( <i>Paspalum</i> sp.)	Aperiente
Tanherom ( <i>Caladium bicolor</i> L.)	Batata contra a bicheira nos animais
Jauba	Raiz mucilaginoso e emoliente
Bordão de velho ( <i>Pithecellobium saman</i> Jacq.)	Entrecasca adstringente
Pão toçagé ( <i>Roupala brasiliensis</i> Klotzsch)	Adstringente contra hemorragia

atualidade com finalidades semelhantes.

Entre os vegetais epispásticos, 14,29%, de tais plantas têm a mesma finalidade sugerida por Serpa, porém, há plantas com aplicações diferentes.

Dos vegetais adstringentes, 24,49%, têm indicações semelhantes das designadas por Serpa.

Entre as resinas aromáticas e os vegetais aperientes, 16,32%, foram encontradas com uso e finalidades semelhantes às referidas por Serpa.

Dos vegetais referidos por Serpa como purgantes drásticos e anti-helmínticos 10,20% foram encontrados entre os vegetais analisados.

E por fim, os vegetais “anticutâneos” (não encontramos referências sobre essa designação terapêutica) 2,04%, sudoríparos 2,04%, remédios para provocar evacuação mensal 2,04%, contra – venenos 2,04% estudados por Serpa, foram na sua totalidade, ou seja, 100%, encontrados com as mesmas indicações sugeridas por Serpa.

## CONCLUSÃO

Diante dos resultados concluímos pela alta persistência e reprodução ao longo do tempo do uso terapêutico das plantas medicinais referenciadas por Serpa: mais de 85% são ainda usadas na medicina popular da região ou seus princípios ativos estão sendo pesquisados.

## REFERÊNCIAS

- AGRA MF, PF FREITAS & JM BARBOSA-FILHO. 2007. Synopsis of the plants known as medicinal and poisonous in Northeast of Brazil. *Revista Brasileira de Farmacognosia* 17(1): 114-140.
- ALBUQUERQUE UP & N HANAZAKI. 2006. As pesquisas etnodirigidas na descoberta de novos fármacos de interesse médico e farmacêutico: fragilidades e perspectivas. *Revista Brasileira de Farmacognosia* 678-689.
- AMORIM A & HR BORBA. 1995. Ação anti-helmíntica de plantas XI. Influência de extratos brutos de *Cocos nucifera* L. (Palmae) na eliminação de *Vampirolepis nana* em camundongos. *Revista Brasileira de Farmácia* 76: 98-99.
- ANUNCIACÃO Fr MA. 1940 *Crônica do Mosteiro de S. Bento de Olinda até 1763*. Recife: Imprensa Oficial.
- ARAÚJO DS. 2005. *Estudo químico e avaliação farmacológica da espécie Terminalia brasiliensis Camb. (Combretaceae)*. Dissertação (Mestrado). Teresina: Centro de Ciências da Natureza, Departamento de Química, Universidade Federal do Piauí.
- BRAGA R. 1976. *Plantas do Nordeste, especialmente do Ceará*. 3ª ed. Mossoró: ESAM, Coleção Mossoroense, v. 42.
- CRAVO AB. 1995. *Frutas e ervas que curam: usos, dosagens e receitas: vitaminas e fibras*. 5ª ed. São Paulo: Editora HEMUS.
- FIGUEIREDO R & GA MAIA. 1989. Propriedades físico-químicas e composição dos ácidos graxos da fração LIPIbICA da polpa da amêndoa do piqui (*Caryocar coriaceum* Wittm). Fortaleza: *Ciência Agrônoma* 20(1/2): 135-139.
- FRANCO EAP & RFM BARROS. 2006. Uso e diversidade de plantas

- medicinais no Quilombo Olho D'água dos Pires, Esperantina, Piauí. *Revista Brasileira de Plantas Mediciniais* 8(3): 78-88.
- GARDNER G. 1942. **Viagens no Brasil: principalmente nas províncias do norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841**. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- LIMA JD, M DO SR FONSECA, LAS NASCIMENTO, GMS GUILHON, LS SANTOS, AH MULLER, MSP ARRUDA, AC ARRUDA, ST RODRIGUES & MGD CARVALHO. 2005. Químico do extrato hexânico das folhas de *Ouratea aquatica* (Kunth) Engl. (Ochnaceae). *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE QUÍMICA, XLV. Resumos...* Belém.
- LORENZI H & FJA MATOS. 2002. **Plantas medicinais do Brasil**. São Paulo: Instituto Plantarum de Estudos da Flora LTDA.
- Martins JD. 1853. **Os mártires pernambucanos: vítimas da liberdade nas duas revoluções ensaiadas em 1710 e 1817**. Recife: Typ. De F.C. de Lemos e Silva.
- MELLO JAG. 1982. Manuel Arruda da Câmara: estudo biográfico, p. 10-74. *In: M ARRUDA DA CÂMARA. Obras reunidas*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife.
- MOREIRA F. 1996. **Plantas que curam: cuide da saúde através da natureza**. São Paulo. Editora HEMUS
- NOGUEIRA AJ. 2005. **Medicina popular**. Rio de Janeiro: Instituto Estadual do Patrimônio Cultural, Projeto de Digitalização do Acervo da Divisão de Folclore.
- OLIVEIRA JC. 2005. **D. João VI adorador do deus das ciências? A constituição da cultura científica no Brasil (1808-1821)**. Rio de Janeiro: E-Papers.
- PEREIRA DA COSTA FA. 1966. **Anais Pernambucanos 1834-1850**. Recife: Arquivo Público Estadual.
- PEREIRA DA COSTA FA. 1982. **Dicionário biográfico de pernambucanos célebres**. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife.
- SCHMALZ AC. 1966. **Receituário de Joaquim Jerônimo Serpa (Hospital de São Bento de Olinda)**. Recife: Arquivo Público Estadual – Imprensa Oficial.
- SERPA JJ. 1966. Formulário, p. 53-160. *In: AC SCHMALZ. Receituário de Joaquim Jerônimo Serpa (Hospital de São Bento de Olinda)*. Recife: Arquivo Público Estadual – Imprensa Oficial.
- SERPA JJ. 1977a. Vegetaes que servem para uso cazeiro dos habitantes desta Província de Pernambuco, p. 140-143. *In: Annaes da Medicina Pernambucana (1842-1844)*. Recife: Secretaria de Educação e Cultura. Coleção Pernambucana, V. 10.
- SERPA JJ. 1977b. Topographia da cidade do Recife, p. 75-80. *In: Annaes da Medicina Pernambucana (1842-1844)*. Recife: Secretaria de Educação e Cultura. Coleção Pernambucana, V. 10.

#### GLOSSÁRIO

- Adstringente** – Que adstringe.
- Adstringe** – Unir, apertar, fazer escolher.
- Angina** – Infecção aguda na garganta, em especial, nas amígdalas; amigdalite.
- Afrodisíaca** – Restaurador da potência; excitante sexual; medicamento próprio para excitar o apetite sexual.
- Aftosa** – Relativa a aftas; que tem ou causa aftas.
- Albuminúria** – Estado mórbido, caracterizado pela presença da albumina na urina.
- Alcatira** - Nome vulgar de várias espécies do gênero *Astragalus*, particularmente do *Astragalus gummifer* que produzem a goma adraganta; goma branca que escorre naturalmente ou por incisão do tronco da planta desse mesmo nome.
- Amenorréia** – Ausência da menstruação.
- Antiinflamatória** – Contrário às inflamações, ou a uma determinada espécie delas.
- Antidiurético** – Que diminui ou impedi a secreção de urina.
- Antiescorbútica** - Combate o escorbuto.
- Anti-helmíntico** – Vermífugo.
- Antipirético** – Que combate a febre.
- Anti-sifilítico** – Que combate a sífilis; antilúético.
- Aperiente** – Que ou aquilo que despertar o apetite; aperitivo.
- Aromática** – Que tem aroma; que tem odor agradável e penetrante; odorífero; perfumado; bem cheiroso.
- Carminativo** – Diz-se do medicamento antiflatulento; medicamento contra flatulência.
- Coqueluche** – Moléstia infecciosa aguda caracterizada por acessos de tosse convulsiva.
- Curtume** – Curtimento, acepção; substância que se curte.
- Diaforético** – Relativo a diaforese; que excita a transpiração, sudorífico.
- Dispepsia** – Má digestão; dificuldade na digestão.
- Drástico** – Que é energético; violento; radical; diz-se de um purgante energético.
- Decocto** – Produto resultante da decocção; cozimento.
- Deferia** – Doença infecciosa epidêmica e contagiosa, causada pelo bacilo, que se localizada de preferência nas mucosas da boca e garganta, onde determina a formação de falsas membranas.
- Desobstruir** – Desatravancar, desembaraçar. Desimpedir.
- Depurativa** – Que, ou o que depura; que, ou o que tem a propriedade de limpar o sangue ou os humores.
- Eczema** - Dermatose inflamatória aguda ou crônica, não contagiosa, caracterizada por vermelhidão, prurido ou lesões vesiculares com fluentes, exsudativas, que se tornam escamosas, crostosas ou liquenificadas.
- Emético** – Que provoca vômitos; substância que faz vomitar.
- Emoliente** – Que amolece; que abranda a inflamação.
- Emenagoga** – Diz-se dos agentes terapêuticos que provocam ou favorecem o aparecimento do mêsruo.
- Enterite** – Inflamação da mucosa que forra os intestinos
- Epispástico** – Que irrita a pele e causa a formação de flictenas; vesicante.
- Erisipela** - Doença infecciosa aguda, febril, da pele e do tecido subcutâneo, causada por um estreptococo hemolítico, e que se caracteriza por rubor e tumefação das áreas afetadas, muitas vezes com formação de vesículas.
- Escorbuto** – Doença causada pela falta de vitamina C.
- Estíptica** – Que tem efeito adstringente; que tem propriedade de estancar sangrias, especialmente de pequenas lesões superficiais, mediante uma qualidade adstringente.
- Estomáquico** – Estomacal.
- Estomático** - Diz-se dos medicamentos aplicáveis a doenças da boca.
- Febrífugo** – Antipirético.
- Hepatotóxica** – Planta tóxica ao fígado.
- Hipotensora** – Que baixa a pressão; medicamento que abaixa a pressão arterial.
- Infrutescência** – Conjunto frutífero resultante de várias flores cujos ovários se desenvolve unidos entre si.
- Mastite** – Inflamação das glândulas mamárias; em geral causada por infecção; na mamite.
- Menopausa** – Cessação definitiva do catamênio ou das regras menstruais da mulher.
- Mucilaginoso** – Diz-se da planta que contém mucilagem; da natureza ou consistência da mucilagem.
- Mucilagem** - Substância viscosa que se encontra em quase todos os vegetais; líquido gomoso.
- Prurido** – Forte titilação; comichão; tentação, impaciência; sensação indefinível que leva o indivíduo a coçar-se.
- Purgante** – Purga laxante; que faz purgar.
- Purgar** – Tornar puro; limpar; purificar; desembaraçar os intestinos; administrar uma purga; expiar; livrar do que é nocivo.
- Rubefaciente** – Que produz rubefação; rubificante
- Rubefação** – Ato ou efeito de tornar-se rubro ou vermelho; vermelhidão na superfície da pele, causada por rubeficientes.
- Sudoríparo** – Que produz suor; relativo a suor.
- Ulceroso** – Que sofre de úlcera, que tem úlcera; coberto de úlceras, de chagas.
- Vermífugo** – Que ou aquilo que afugenta os vermes ou os destrói; vermícida; anti-helmíntico.
- Vomitiva** – Que provoca o Vômito; vomitório; emético